



**“RETORNAR AL ORIGEN: NARRATIVAS ANCESTRALES
SOBRE HUMANIDAD, TIEMPO Y MUNDO”: CONTRIBUIÇÕES
PARA UM AMBIENTE CIENTÍFICO E ACADÊMICO PÓS-ABISSAL
NA AMÉRICA DO SUL**

*“RETORNAR AL ORIGEN: NARRATIVAS ANCESTRALES SOBRE
HUMANIDAD, TIEMPO Y MUNDO”: CONTRIBUCIONES PARA UN AMBIENTE
CIENTÍFICO Y ACADÉMICO POSABISMAL EN AMÉRICA DEL SUR*

*“RETORNAR AL ORIGEN: NARRATIVAS ANCESTRALES SOBRE
HUMANIDAD, TIEMPO Y MUNDO”: CONTRIBUTIONS FOR A POST-ABYSSAL
SCIENTIFIC AND ACADEMIC FIELD IN SOUTH AMERICA*

Bruna Muriel F. Huertas¹ 

Fernando Oliveira Nascimento² 

Universidade Federal do ABC, Brasil

Resumo: A obra *“Retornar al Origen: Narrativas ancestrales sobre humanidad, tiempo y mundo”* é fruto da parceria entre acadêmicos sul-americanos e “sábias” e “sábios” originários, como são denominadas as autoridades indígenas entrevistadas. Nela encontramos relatos sobre as origens e as trajetórias da humanidade a partir das cosmovisões de cada um dos diferentes grupos étnicos apresentados (os *Kichwa*, os *Muina*, os *Aimara*, os *Nasa Yuwe* e os *Shuar*) e também uma reflexão sobre o conselho de anciões do povo *Mama Kogui*. O livro aposta na tradição oral como fonte fidedigna de conhecimento, incorpora determinadas categorias ancestrais e revela a utilização de metodologias transgressoras. Indica, assim, que a aposta na copresença radical entre diferentes epistemologias e ontologias é um importante passo para a construção de um ambiente acadêmico intercultural e pós-abissal na América do Sul.

¹Docente do Bacharelado em Humanidades e do Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail: bruna.muriel@ufabc.edu.br.

²Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail: fernando.nascimento@aluno.ufabc.edu.br.

Palavras chaves: Povos originários; Saberes ancestrais; História; Pensamento pós-abissal; América do Sul.

Resumen: La obra “Retornar al Origen: Narrativas ancestrales sobre la humanidad, el tiempo y el mundo” es el resultado de una alianza entre académicos sudamericanos y “sabios” y “sabias” nativas, como se llama a las autoridades indígenas entrevistadas. Encontramos narraciones sobre los orígenes y trayectorias de la humanidad a partir de las cosmovisiones de cada uno de los diferentes grupos étnicos presentados (los *Kichwa*, los *Muina*, los *Aimara*, los *Nasa Yuwe* y los *Shuar*) y también una reflexión sobre el consejo de ancianos del pueblo *Mama Kogui*. El libro se apoya en la tradición oral como fuente confiable de conocimiento, incorpora ciertas categorías ancestrales y revela el uso de metodologías transgresoras. Indica así que el compromiso con la copresencia radical entre diferentes epistemologías y ontologías es un paso importante hacia la construcción de un entorno académico intercultural y posabismal en América del Sur.

Palabras clave: Pueblos originales; Conocimientos ancestrales; Historia; Pensamiento posabismal; Sudamérica.

Abstract: The work “*Retornar al Origen Narrativas ancestrales sobre humanidad, tiempo y mundo*” is the result of a partnership between South American academics and native “sages”, as the indigenous authorities interviewed are called. In it we find reports on the origins and trajectories of humanity based on the worldviews of each of the different ethnic groups presented (the *Kichwa*, the *Muina*, the *Aimara*, the *Nasa Yuwe* and the *Shuar*) and also a reflection on the council of elders of the *Mama Kogui* people. The book relies on oral tradition as a reliable source of knowledge, incorporates certain ancestral categories, and reveals the use of transgressive methodologies. Thus, it exposes that the commitment to radical co-presence between different epistemologies and ontologies is an important step towards the construction of an intercultural and post-abysal academic environment in South America.

Keywords: Indigenous peoples; Ancestral knowledge; History; Post abyssal thinking; Intercultural translation.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.211853](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.211853)

Recebido em: 10/05/2023
Aprovado em: 29/12/2023
Publicado em: 31/12/2023

1 Introdução

A obra “*Retornar al origen: Narrativas ancestrales sobre humanidad, tiempo y mundo*” - publicada pela CLACSO e pela UNESCO em 2022, e

editada por Eduardo Rueda, Ana María Larrea, Augusto Castro, Óscar Bonilla, Nicolás Rueda e Carlos Guzmán- traz acadêmicos vinculados ao programa de filosofia e humanidades da Oficina UNESCO de Montevideu e/ou ao Grupo de trabalho em filosofia política do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO). Ela oferece depoimentos das autoridades indígenas Carmen Yamberla, Marceliano Guerrero, Domingo Sayritupac Asqui, Wilder Güegia e Ampam Karakras que, entrevistadas no Equador, no Peru e na Colômbia entre julho de 2019 e fevereiro de 2020, relatam como os povos aos quais pertencem –*Kichwa, Muina, Aimara, Nasa Yuwe, Shuar e Mama Kogui*, respectivamente - entendem a história e a trajetória da humanidade ao longo do tempo.

O livro está dividido em três partes. O texto “Umbral”, introdutório, apresenta o referencial teórico-metodológico que orienta o trabalho dos autores acadêmicos. A sessão “Interiores” traz os relatos das autoridades indígenas provenientes de diferentes grupos étnicos, assim como o depoimento de um dos pesquisadores sobre a sua participação em um conselho de anciãos. Encerrando o trabalho temos o capítulo “Techado”, que sintetiza e costura as principais reflexões e contribuições encontradas na obra.

Para além de apresentar uma síntese da obra, os autores desta resenha refletem sobre as afinidades do trabalho com o projeto intelectual e político de construção de uma ciência e de um ambiente acadêmico *pós-abissal*.

A teoria das linhas abissais é uma das grandes contribuições de Boaventura de Sousa Santos (2007) no âmbito das correntes anticolonialistas (pós-colonialismo, decolonialidade, Epistemologias do Sul), todas partindo da seguinte premissa: o padrão de poder colonial se manteve na periferia mundial apesar do fim do colonialismo em sua forma político-militar e a luta pela sua superação não se restringe às lutas independentistas.

Na América do Sul, os processos de independência durante o século XIX não significaram o fim da cartografia abissal epistemológica que

marcou o mundo colonial. Apesar das transformações sociais, políticas, econômicas, culturais, epistemológicas vivenciadas nas últimas décadas nos países da região, o pensamento hegemônico segue marcado pela separação radical entre, de um lado, a ciência moderna produzida pela metrópole/colonizadora - o único conhecimento racional, verdadeiro e universal - e, de outro, os conhecimentos produzidos pelos grupos subalternizados, historicamente invalidados e desqualificados pelas instituições políticas, científicas e acadêmicas que sustentam a modernidade ocidental capitalista e colonial.

A obra *“Retornar al origen: Narrativas ancestrales sobre humanidad, tiempo y mundo”*, como será observado adiante, evidencia um importante exercício de superação dos traços eurocêntricos e colonialistas das pesquisas que envolvem os povos indígenas, estando sintonizada com o projeto de construção de um ambiente acadêmico e científico *pós-abissal*, menos hierarquizado e mais intercultural.

2 Umbral

O capítulo **“Origens e trajetórias da humanidade: narrativas originárias e emancipação”**, introduz o leitor ao universo teórico-metodológico que guiou o processo de construção da obra, cuja publicação é entendida como um ato ético-político (para além de um feito acadêmico e editorial).³

Nele, Eduardo A. Rueda analisa o etnocentrismo que historicamente marcou o debate antropológico e filosófico sobre a ideia de “humanidade” que, fundamentado na dicotomia civilização/razão versus barbárie, restringiu-a àquela parcela branca, masculina, europeia e cristã. Enquanto uma ampla alteridade foi considerada não humana - ou menos humana -

³ A publicação desta obra é o primeiro resultado editorial do projeto “As histórias da humanidade em outras palavras”, composto por outras atividades como apresentações públicas com objetivos educacionais e políticos, uma mostra artística itinerante composta por produções fotográficas e audiovisuais e da criação da seguinte página web: <<https://www.hhasur.net/>>. Acesso em: 04 maio 2023.

e, por isso, passível de “exorcismos numerosos, confinamentos, [...] castigos.” (RUEDA, 2022, p. 18 – tradução nossa⁴).

O autor também reflete sobre o risco da desapropriação da autoridade epistêmica do sujeito investigado, intrínseca à pesquisa etnográfica clássica, que leva ao reforço das hierarquias epistêmicas e políticas. Além de diminuir as chances do resultado da investigação se transmutarem em ferramentas passíveis de serem utilizadas pelos sujeitos investigados em suas lutas e resistências.

Rueda (2022) afirma ainda que, no intuito de evitar tais armadilhas, os pesquisadores que formaram parte deste trabalho se esforçaram no sentido de promover “a práxis crítica e emancipadora das próprias comunidades” (p. 20 – tradução livre), estabelecendo outras formas de vínculos (mais afetivos, profundos e horizontais) com os sábios e sábias, incluindo a publicação da obra em coautoria com estes sujeitos. E encerra o texto analisando como a construção de uma *cosmopolítica do tempo* exige, em primeiro lugar, a constatação de que todas as formas temporais são um modo de imaginação cultural e, em segundo, o questionamento da superioridade da concepção moderna de temporalidade linear e inerte. É o caso da ideia de tempo vivo e imbuído de intencionalidade e vontade, revelada nas narrativas históricas dos sábios e sábias ao longo das entrevistas.

⁴ Por se tratar de uma obra originalmente em espanhol, todas as citações diretas foram traduzidas livremente para o português pelos autores. Optou-se por incluir esta nota explicativa para evitar o excesso de notas de rodapé apenas para a tradução dos trechos referenciados.

3 Interiores

O texto **“Sem o Pai Sol não somos nada, sem a Mãe Terra não somos ninguém”** traz a entrevista que Carmen Yamberla, liderança *Kichwa* da província equatoriana de Imbabura, concedeu à dupla de pesquisadores Ana María Larrea e Óscar Bonilla, em julho de 2019.

Após destacar a ausência de registros escritos no processo de produção e reprodução de conhecimento do povo *Kichwa* e a importância da oralidade nesse processo, “Carmelina” relembra a recuperação territorial e cultural impulsionada por intelectuais indígenas nas décadas de 1970 e 1980 no Equador, e a sua crença de que, como resultado deste andamento, os indígenas estão vivendo um processo de transição: de um lugar de submissão para um lugar de maior igualdade em relação aos brancos. A sábia também explica o dualismo complementar intrínseco à cosmovisão holística *Kichwa*, onde todos os entes da natureza se inter-relacionam de maneira horizontalizada. Mãe Terra e Pai Sol, homem e mulher, etc. E alerta para a necessidade de a humanidade compreender que, “se [os países] não cuidam da natureza [...] estamos acabando com tudo [...]” (p. 50 - tradução nossa).

Em **“A terra é pequenina, mas um habitante não vai fazer tudo”** Eduardo A. Rueda e Nicolás Rueda narram a conversa realizada com o sábio Marceliano Guerrero, ancião da comunidade Monochoa em Bogotá, Colômbia, em outubro de 2019. Segundo a tradição *Muina*, foi no local conhecido como *uirilla tiku*, onde existia uma caverna e um lago, que se originaram vários povos amazônicos. A terra seria o elemento mais importante para a vida de seu povo, possuindo grande relevância para a espiritualidade *Muina*, assim como o tabaco, a folha de coca, o “yagé” (ou Ayahuasca) e a “*manicuela*” (planta da mandioca). “Na nossa cultura, ao tabaco chamamos *beona*, que quer dizer o sangue, então o sangue da mãe que faz humanos [...]. Isso é para nós como dizer Deus” (p. 58 - tradução nossa). Para os *Muina*, a Natureza não está apartada mas é parte intrínseca

da humanidade, e todos os seres são essencialmente iguais, possuindo o mesmo sangue e as mesmas características.

A terceira entrevista, intitulada **“Dizem que são gente, pessoas mais sábias, que nos deram a vida”**, foi realizada com o sábio *Aimará* Domingo Sayritupac Asqui pelo pesquisador Augusto Castro, na cidade de Lima, Peru, em setembro de 2019. Nela, Domingo rememora um passado idílico anterior à existência da maldade, onde reinava a abundância e tranquilidade, a justiça, a saúde e o perdão. Este último é salientado como o grande pilar da sociabilidade e das práticas cotidianas de seu povo, que incluíam também os princípios da cooperação, da reciprocidade e da solidariedade. Domingo acredita que o povo *aimará*, profundo conhecedor da natureza e da importância do perdão, tem muito a ensinar para toda a humanidade.

A entrevista **“Estamos caminhando o espaço do Sol”** foi realizada em Cuaca, Colômbia por Carlos Guzmán e Eduardo A. Rueda, em julho de 2019, com a autoridade indígena Wilder Güegia, do povo *Nasa Yuwe*. Segundo Güegia a oralidade surge como a principal forma de transmissão de conhecimentos ancestrais, como aqueles envolvidos no mito criador dos *Nasa*. Houve um tempo em que *nejjuana* - o espírito ou energia maior - permitiu que as outras energias que habitavam o mundo tomassem forma, corporalidade. Cada elemento formado, cada ente existente, é irmão entre si, e contribui para o equilíbrio do cosmos. Nas palavras de Wilder Güegia, “por isso [...] a palavra *nasa* se refere a todos, todos os seres vivos e os seres não vivos, porque a história diz que a pedra também tem vida [...]” (p. 76 - tradução nossa).

“Nossa visão do futuro nos dá a possibilidade de nos adaptarmos” é o título da entrevista concedida por Ampam Karakras, representante do povo *Shuar*, à dupla de pesquisadores Ana María Larrea e Óscar Bonilla, em Quito, Equador, em julho de 2019. Como em outros depoimentos, a oralidade aparece como a principal forma de transmissão de conhecimento dos anciãos para os mais novos. Essa transmissão se dá, em especial, após

os *uwishines* (os sábios conhecedores) tomarem a ayahuasca e, assim, acessarem os conhecimentos dos seus antepassados.

Karakras também destaca a importância da *adaptabilidade* como um princípio basilar da cosmologia e das práticas sociais deste povo, marcado por um passado em que os seres possuíam a habilidade de se transmutarem de animais para plantas e vice-versa. Esta herança seria uma das responsáveis pelo fato dos *Shuar* se adaptarem tão bem às novas condições - incluindo o ambiente contemporâneo, marcado pelas novas tecnologias - sem que a sua identidade desapareça. Por fim, afirma que “apesar de ter outro idioma, outras visões e outras crenças” (p. 105 – tradução nossa) os *Shuar* podem contribuir para a humanidade, ensinando como cuidar da terra desmatada e explorada pela colonização.

O último capítulo da sessão Umbral, denominado **“Fazer *Zigoneshi*” (aliança): Lei da origem e do futuro. Mensagem do Conselho dos Mama *Kogui*”, narra o encontro do autor Eduardo A. Rueda com o conselho dos anciãos e sábios do povo *Kogui*, também conhecidos como “los Mama”, realizada em fevereiro de 2020 na região da Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia.**

Neste conselho, os anciãos: (1) afirmam que a sociedade e o planeta estão doentes devido à desconexão da humanidade com a Mãe Natureza; (2) alertam para o crescimento de uma compreensão equivocada da natureza como um ente externo, separado do ser humano; (3) e demonstram preocupação em relação à “inevitabilidade do sofrimento para os seres humanos se persistir a doença no mundo.” (p. 112 – tradução nossa).

Para os anciãos do povo *Kogui*, a solução para essa doença seria um “retorno às origens” através do resgate de uma educação ancestral e orientada tanto pela interpretação da natureza enquanto ser vivo e fonte de vida quanto pelo diálogo entre todos os povos para a construção de um mundo de paz.

4 **Techado**

O texto “**Um telhado entrelaçado: memória da origem e do futuro**”, de Eduardo A. Rueda e Nicolás Rueda, encerra o livro. Os autores relatam a mensagem de libertação que os “*abuelos sabedores originários*” trazem para a humanidade, tendo por horizonte uma vida de plenitude, de bem viver. A construção deste novo tipo de existência dependeria, entre outras ações: (1) da valorização da memória como estratégia de compreensão sobre quem somos e como devemos orientar nossa ação diante do novo que se descortina e; (2) da superação das estruturas políticas e epistemológicas eurocêntricas e colonialistas.

5 **Considerações finais**

Ao longo de toda a obra notamos diversos elementos críticos e contrapostos a categorias científicas contemporâneas hegemônicas, entre os quais se destacam as seguintes: natureza, tempo, ser humano, humanidade, desenvolvimento, história e memória. Enquanto Carmen Yamberla explica o dualismo complementar subjacente à cosmovisão do povo *Kichwa*, os anciãos *Kogui* alertam para a existência de uma natureza viva, fonte de conhecimento e sabedoria. Observa-se, em ambos relatos, uma desconfiança ao dualismo dicotômico e hierárquico que subjaz a cosmovisão moderna ocidental, assim como à prática desenvolvimentista de objetificação e mercantilização na natureza, entendida apenas como *commodities*, recursos naturais.

Em outro momento Karakras explica que, para os *Shuar*, a unidade básica do universo não existe enquanto unidade individual, separadamente do todo, devendo ser compreendida sempre pela perspectiva do coletivo, da família e da comunidade. Observam-se, aqui, elementos basilares dos princípios de comunitarismo, contraposto ao individualismo radical do

liberalismo. Assim como as lógicas da cooperação, da reciprocidade e da solidariedade - que o sábio Domingos afirma estruturarem a sociabilidade *Aimará* - são contrapostas àquelas que regem as formas de sociabilidade e a produtividade hegemônicas, marcadas pelo individualismo, pela competição e pelo acúmulo. O que dizer do princípio do perdão que, basilar para o modo de vida desse povo, desapareceu na cultura digital contemporânea do “cancelamento”, regida pela intolerância, pelo maniqueísmo e pela inexistência da complexidade e da contradição nas ações humanas?

Ao jogar luzes sobre aqueles saberes que, conforme Santos (2007), historicamente foram considerados pelo pensamento abissal como “ignorâncias”, opiniões, idolatrias, crenças e/ou pensamento mágico, o livro contribui para o exercício imaginativo de criação de alternativas aos saberes, produtividades, sociabilidades e temporalidades hegemônicas. Revela também a possibilidade de coexistência de múltiplas temporalidades e espaços históricos em *Abya Yala*, e ilumina categorias e conceitos ancestrais, elevando-os a uma condição epistemológica e ontológica mais igualitária.

Ao apostar na coautoria com os sábios e sábias, assim como no uso da oralidade como fonte fidedigna de conhecimento, o trabalho subverte a histórica relação hierárquica entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível, comum nas Ciências Humanas e Sociais e, especialmente, nas pesquisas sobre os indígenas das Américas. A obra revela, assim, um importante exercício de *diálogo* e *tradução intercultural* que, desafiando a produção acadêmica ancorada no lado metropolitano da linha abissal, contribui para reverter o processo de *epistemicídio* sofrido historicamente pelos povos originários, dando um passo adiante no processo de construção de um conhecimento científico pós-abissal na América do Sul.

6 Referências Bibliográficas

RUEDA, Eduardo A.; et al. (ed.) BONILLA, Óscar et al (ed.) **Retornar al origen**: narrativas ancestrales sobre humanidad, tiempo y mundo, 1a ed., Buenos Aires: CLACSO; Montevideo: UNESCO, 2022. Disponível em: <https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/libro_detalle.php?orden=nro_orden&id_libro=2482&pageNum_rs_libros=2&totalRows_rs_libros=1672&orden=nro_orden>. Acesso em: 18 out. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n.78, pp. 03-46, abr. 2007a. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/147_Para%20alem%20do%20pensamento%20abissal_RCCS78.pdf Acesso em: 20 dez. 2023.